

Fernanda Maria Fávere Augusto
Ruth Gelehrter da Costa Lopes
Flamínia Manzano Moreira Lodovici
Suzana Carielo da Fonseca

A imagem da velhice parece uma imagem “fora”, no espelho, imagem que nos apanha quando é antecipada e produz uma impressão de inquietude e estranheza, quando o apavorante se liga ao familiar.

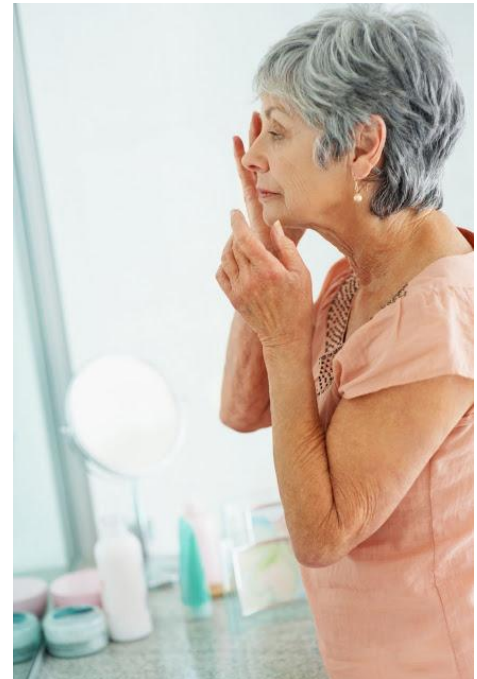
É possível que a citação de Jack Messy, de “O espelho quebrado”, em seu livro *A pessoa idosa não existe* (1999, p.14), pareça, *a priori*, impactante, quando quem reflete é um jovem, para quem a velhice está distante e com tempo indefinido para sua projeção. Quando é um idoso ou velho, porém, tais dizeres podem se tornar especialmente angustiantes, ao dar-se conta de pertencer a esse grupo, ou porque sofra, talvez, o estigma de ser velho, quantas vezes associado à improdutividade, à feiura.

Por ter sido a imagem da velhice dita como tributária ao olhar do outro (BEAUVOIR, 1990), e o idoso se reconhecer sujeito dessa faixa etária, pensamentos complexos e aterrorizantes passam a envolvê-lo, particularmente se portador de doença que o leve à dependência de cuidados, via de regra, prestados por familiares. E, tratando-se de uma sociedade como a ocidental, cabe aos filhos, por lei, essa função.

A partir dessa realidade, a velhice se torna um momento de inquietude, tanto para o idoso, pai ou mãe, quanto para o filho, pois, “Se a velhice designa a última etapa da vida, como deverá ser reconhecida em cada um de nós?” (MESSY, 1999, p. 09); logo, *me vejo idoso, pois irei depender de alguém para realizar atividades que outrora desempenhava sozinho. E o filho que outrora*

assumia o papel de ser cuidado, torna-se o cuidador. Dessa forma, é gerado um momento de angústia mútua nessa relação entre pais e filhos.

A alusão do autor ao espelho quebrado traz o reconhecimento da identidade e da subjetividade do Ser, da maneira como se desenrola a função ou o papel social de uma pessoa por meio do contato com outra. A partir do momento em que há a troca de papéis sociais, por exemplo, *do filho cuidado que se torna o filho cuidador*, a relação pode tornar-se conflitante ou proporcionar espaço para sua ressignificação. Tal se aplica para o filho, prestador de cuidados, posto na condição de responsável, provedor, como para o pai/mãe, que desocupa um lugar de chefe, de observador da dinâmica familiar, para ocupar a posição de observado. E ser observado, dependendo de como é o olhar do outro, pode ser por vezes algo acolhedor ou cruel.



Dialogando com Messy – Conceitos da Psicanálise: O espelho quebrado

Jack Messy - psicanalista fundador e ex-diretor da área de Gerontologia do Centro de Formação de Profissionais da Saúde - é o autor do livro *A pessoa idosa não existe* (1999). No capítulo “O espelho quebrado”, o autor articula em série três acontecimentos: a velhice, a demência e a morte, referindo-se assim a esse: [...] “A velhice não é uma passagem obrigatória para a morte, assim como a demência não é uma ameaça em contrapartida de uma idade avançada” (1999, p. 10).

Ao longo de seu texto, ele traz à reflexão o estranhamento sentido pelo sujeito ao ver sua própria imagem refletida no espelho, norteador sua discussão sobre o conceito de que “Velho é o outro” (BEAUVOIR, 1990) e, portanto, quando uma pessoa se vê velha, o espelho se quebra, gerando angústia, que ele nomeou “ego feiura”. Reforçando a discussão, Messy aborda como a velhice é dita nos contextos sociais, artísticos, filosóficos e psicanalíticos. Nestes, o indivíduo mantém forte ligação com a imagem, e na medida em que esta se quebra na condição de ideal - “ego ideal” -, ativa-se, então, o “ego feiúra”. Nas palavras do autor, “o horror de envelhecer encontra seu reflexo no espelho, sob o aspecto do eu-feiúra [...] o tempo do espelho quebrado sobrevém na época da plena maturidade” (1999, p.34).

A ruptura entre as imagens ideal e real perpassa a relação do sujeito idoso consigo mesmo e em situações de que necessite cuidados, quando acometido por alguma doença que o incapacite, envolvendo-o em sentimentos de agressividade, raiva, melancolia e tristeza; afinal, *enxergo minhas limitações*

pela ação e/ou olhar do outro, que é, em grande parte dos casos, um filho ao qual os pais destinaram toda a vitalidade e libido no cuidar.

Os filhos, em posição de cuidadores, por vezes arrastados por uma determinada situação de vida, assumem, a nosso ver, uma postura conflituosa nesse cuidado ao familiar, que podemos denominar como de:

- ✓ *Desqualificação*, quando a posição ocupada pelo idoso na dinâmica familiar não lhe pertence mais;
- ✓ *Qualificação*, quando a nova posição do filho é assumida de maneira insegura, diante de um processo que não foi construído, somente verbalizada, mas não trabalhado e preparado.

Nesse conflito de posicionamentos, por vezes, o idoso tende a sofrer a perda de sua voz ativa, e torna-se um membro da família sem lugar cativo, e este “[...] sujeito, transformado em objeto decaído, é, aliás, designado, diante de si mesmo, na terceira pessoa do singular” (1999, p. 130).

Nesse sentido, o respeito por costumes, atitudes e desejos do idoso torna-se secundário, quando a prioridade passa a ser o *tratar* e não mais o *cuidar*. Acolher, ter escuta, e criar empatia pelo sujeito cuidado cria sentimentos de angústia, pois pensar sobre o outro não deixa de evocar o pensar sobre mim mesmo, e ainda mais quando [...] ”a idade vem impedir o que concederíamos a um jovem: a atenção benevolente” (1999, p.130).

E ao filho cuidador imaginar que, num futuro próximo, ele pode vir a ocupar o lugar do seu pai, proporciona-lhe reflexões sobre como ele gostaria de ser cuidado. Ou ainda se perguntar: “quem irá cuidar de mim?”, em um momento futuro quando se verão as consequências do fenômeno da atual diminuição dos filhos, constatado atualmente pelas pesquisas demográficas.

O que se quebra quando filhos cuidam de pais idosos

“Uma espécie de contrato se estabelece entre o novo ser e a sociedade que o recebe em seu seio”, o que Aulagnier (1979) denomina de “contrato narcísico” (GOLDFARB; LOPES, 2006, p.06). Seja qual for a configuração familiar, o “contrato narcísico” é instaurado de forma não verbal, a partir do caráter das funções ocupadas por seus membros. Não raramente, quando a posição de um dos membros é a de dependência, o cuidador ocupa um lugar tão vital em sua vida, a ponto de não conseguir sobreviver sem sua atenção.

Quando na inversão dos papéis sociais, o filho se torna o cuidador dos pais idosos, as memórias do que foi desempenhado outrora continuam latentes para ambas as gerações, e envoltas em sentimentos diversos que se complementam entre si, acarretando movimentos conflitivos, que se tornam mais ou menos velados, de acordo com a configuração familiar em que esses sujeitos foram criados.

No texto “Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações”, Goldfarb e Lopes (2006) citam dois exemplos de modelos familiares que podem surtir efeitos com *maior ou menor latência*, sendo eles:

- ✓ O primeiro mostra um modelo tradicional, no qual o pai determina as ações dos filhos, inclusive profissão e cônjuges, configurando um modelo rígido de criação e de relação entre pais-filhos.
- ✓ O segundo é o modelo familiar mais encontrado nos dias de hoje, no qual os pais aspiram ter filhos a partir de expectativas, sonhos e desejos não realizados por eles. Os filhos, adolescentes ou jovens, optam, contudo, por sair do convívio dos pais escapando de suas exigências e evidenciando que “esse é o caminho marcado pelo ideal de independência que pode não coincidir com o dos pais” (2006, p.18), o que não deixa de nestes gerar frustrações, ao verem “seus planos e projetos acabados”.

No exemplo um, o modelo rígido de criação fomenta, com maior latência nos filhos, sentimentos de raiva, ódio e frustração pelos pais, o que pode acarretar futuramente situações de abandono afetivo ou até mesmo negação de cuidados por parte dos filhos diante da necessidade pelos pais.

No exemplo dois, o modelo contemporâneo implica a expectativa quanto a um futuro filho cuidador, mas que - por uma necessária flexibilidade, possibilitou que ele se afastasse do convívio familiar e assumisse, ele próprio, o destino de sua vida - pode gerar situações em que o enfraquecimento dos laços afetivos, entre ambos os lados, acarrete transtornos à vida familiar, quando o filho, não por opção, se torna cuidador, e o pai, por necessidade, torna-se alvo de cuidados.

Cria-se, então, uma relação prejudicada por frustrações, carências que, se não dirimidas ou trabalhadas, geram tensões agudizadas, desvelando a *imaturidade do filho em assumir o papel daquele que presta o cuidado*. Necessita ele, nesse momento, de tempo para elaboração desse processo, requerendo, para tanto, a colaboração de ambos os lados, do Ser cuidado e do cuidador. Nesse sentido:

Os vínculos familiares, baseados no exercício de um certo poder, dificultam a metabolização da inversão de papéis especialmente quando o vínculo já era conflitivo. Não é fácil aceitar que não se é mais o pai provedor ou a mãe nutriente, e para os filhos aceitar a queda da imagem idealizada dos pais na infância. O pai herói e a mãe protetora são agora pessoas que precisam dele. (GOLDFARB; LOPES, 2006, p. 20)

Fazendo alusão à quebra do espelho, ocorre, para ambos, uma situação singular: de um lado, o idoso que se vê como velho e em situação de dependência, pela doença, ao filho; de outro, esse filho que perde pai e mãe que o protegiam e acolhiam, para assumir o papel de provedor.

Atualmente, são muitas as configurações familiares que geram diferentes problemas, entre os quais a dos filhos menores que, por se sentirem desamparados pelos pais, recorrem aos avós para serem cuidados, neste caso um desafio está posto: Quem cuidará dos pais atuais, quando na velhice, com dependência, não terão os filhos como cuidadores, pela ausência de representação do cuidar? Como o Estado poderá exigir dos filhos o mínimo de prestação de cuidados aos pais, se estes não lhe foram proporcionados?

A escolha de um cuidador geralmente está ligada a proximidade física, ou na seleção a preferência recai no sexo feminino. No caso de um grupo familiar, com muitos filhos, o conflito se torna ainda maior, pois, nesse momento, é verbalizado o que de mais íntimo está guardado por esses sujeitos: “Eu não vou cuidar, meu outro irmão irá!, porque ele sempre foi o privilegiado”, não raramente escutam-se essas manifestações em atendimentos do núcleo familiar. Torna-se, pois, fundamental partilhar entre os filhos o encargo das responsabilidades.

É de se notar a situação de um casal de filhos de idosa de origem portuguesa, e que fora diagnosticada com Doença de Alzheimer, atendida num serviço ambulatorial voltado para idosos. Ela apresentava dificuldades para a manutenção do seu autocuidado, e a filha, que já dela cuidava, num momento de angústia, verbaliza que se sentia sobrecarregada com os cuidados prestados, e que não era auxiliada pelo irmão. Ela exigia que o irmão cuidasse da mãe no banho já que, a seu ver, esse irmão não desempenhava tão bem, quanto ela, as demais atividades.

Nesse primeiro atendimento foi acordado que essa atividade seria realizada de comum acordo com a mãe, e em caráter de experiência. Após algumas semanas, os irmãos retornaram e, desta vez, o irmão verbaliza a seguinte queixa: que a mãe não aceitava que ele a banhasse, sentindo-se ele totalmente constrangido ao realizá-lo, que nunca tinha visto as pernas da mãe, sempre coberta por saias longas. Nesse sentido, foi preciso dialogar com a filha-cuidadora sobre essa atividade e sua importância em desempenhá-la. Ao irmão, a necessidade de disponibilidade e realização de outras atividades que pudessem minimizar o cotidiano atarefado, verbalizado pela irmã.

Foi finalizado o atendimento após 2 meses, quando ambos relataram que puderam dividir as tarefas: a irmã na prestação dos mesmos cuidados à mãe que outrora já realizara, e o irmão como forma de auxiliá-la, acompanhando, nos finais de semana, a mãe em passeios e, quando necessário, em dias comuns, acompanhava a irmã e a mãe a consultas e exames.

No caso citado, a escuta e a compreensão de ambos os filhos foi essencial para que pudessem organizar a prestação dos cuidados de maneira adequada e menos impactante para a cuidadora primária.

Contudo, existem dinâmicas familiares em que o diálogo não é possível devido à fragilização ou total ruptura dos vínculos entre os membros, tornando a tarefa do cuidar, para o filho cuidador, totalmente “desgastante e desgastada”. Desgastante, diante da avalanche de sentimentos negativos entre irmãos, entre pais e filhos. Desgastada, porque dessa forma está a família, pressionada por falta de recursos financeiros; pelo não reconhecimento, entre seus membros, de serem cuidadores; por diagnósticos que não têm prognósticos, enfim, por uma miríade de problemas ainda não tolerados ou adequadamente encaminhados. Nesse sentido, Goldfarb e Lopes (2006, p.20) assinalam que “A falta de rede de apoio social soma-se a este quadro; assim não há como evitar tensões e conflito”.

Considerações finais: *Juntando os cacos*



A ausência de serviços que tratem especificamente dos cuidadores, de acordo com suas reais necessidades, fomentam os conflitos na relação do cuidar.

Os filhos-cuidadores, ao contrário de cônjuges, não conseguem receber benefício previdenciário (salvo em alguns casos que recebem como servidores) e para o mercado de trabalho já são considerados fora do perfil empregatício, devido ao tempo de ausência pela dedicação a um doente de casa.

O processo de cuidar pode ser um momento de conflitos, rupturas de representações, mas também de ressignificação. O desconhecido causa, *a priori*, incômodo, mas é no cotidiano que se desfazem essas diferenças, e que podem auxiliar na construção de novos sentidos em sua interpretação.

Compreender que é possível “juntar os cacos de um espelho quebrado”, é possibilitar um caminho novo, para uma relação nova, que ainda apresenta marcas, mas que está dada, podendo ser reconfigurada. E ainda, envelhecer é perder e ganhar; então, que seja dessa forma para os filhos que cuidam: compreender esse processo é se permitir fazer parte dele.

Referências

BEAUVOIR, S. *A velhice*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

GOLDFARB, D.C.; LOPES, R.G.C. Avidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In: FREITAS, E.V.de; PY, L. et al. (Orgs.). *Tratado de Geriatria e Gerontologia*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

MESSY, J. *A pessoa idosa não existe*. São Paulo: Aleph, 1999.

Data de recebimento: 22/3/2014; Data de aceite: 13/4/2014.

Fernanda Maria Fávere Augusto – Assistente Social. Mestranda do Programa de Estudos Pós-Graduados em Gerontologia Social, PUC-SP. Email: fernandafavere@yahoo.com.br

Ruth Gelehrter da Costa Lopes – Psicóloga. Doutora em Saúde Pública pela Universidade de São Paulo. Professora-Associada da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Email: ruthgclopes@pucsp.br

Flamínia Manzano Moreira Lodovici – Linguista. Doutorado em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem - IEL/Unicamp. Professora Assistente-Doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Email: flalodo@terra.com.br

Suzana Carielo da Fonseca – Fonoaudióloga. Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Professora Assistente-Doutor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Email: suzfonseca@estadao.com.br